

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
IN MEMORIAM LAURO ANTÓNIO  
12 de Abril de 2022

## VAMOS AO NIMAS / 1975

um filme de LAURO ANTÓNIO

*Realização, Montagem:* Lauro António *Comentário:* Maria Eduarda Reis *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco): Moedas Miguel *Som:* Raul Ferrão *Misturas:* Luís Barão Colares *Locução:* Nuno Martins, Lia Gama *Assistente de realização:* Luis Sarmiento *Assistente de imagem:* João Abel Aboim.

*Produção:* Lauro António (Portugal, 1975) *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, preto-e-branco, 18 minutos *Estreia:* 28 de Maio de 1975, no cinema Tivoli.

**VAMOS AO NIMAS vai ser apresentado com TELL THEM WILLIE BOY IS HERE de Abraham Polonsky (“folha” distribuída em separado) | o texto desta “folha” adapta um excerto do texto originalmente escrito para acompanhar uma sessão de 2017 em que o filme de Lauro António foi mostrado com HOJE ESTREIA de Fernando Lopes (1967) e A CIDADE DE CASSIANO de Edgar Pêra (1991) | sessão apresentada por Frederico Corado**

---

Já na década anterior de 1960, contando a história da recuperação do cinema Condes, Fernando Lopes filmara uma sala de cinema, reflectindo a realidade das salas de cinema da cidade de Lisboa, progressivamente em perda de então para cá. Esse filme chama-se HOJE ESTREIA e segue a história da reconstrução do Condes no pós incêndio que arruinou a sala originalmente inaugurada em 1916. Um pouco na mesma linha dos filmes de formato curto que tradicionalmente eram mostrados antes das longas-metragens, VAMOS AO NIMAS de Lauro António toma o pulso à situação do circuito lisboeta da exibição cinematográfica pós-revolucionária. Um ano passado sobre o 25 de Abril de 1974, VAMOS AO NIMAS estreia no Tivoli, em Lisboa, a na mesma data e sala de LA RACE DES SEIGNEURS de Pierre Granier-Deferre (1974).

VAMOS AO NIMAS corresponde a um olhar panorâmico das salas lisboetas idas e sobreviventes do centro e da periferia da cidade. Como HOJE ESTREIA, destinou-se pois a abrir as sessões de “filmes de fundo” (o primeiro estreou no Condes) e como aquele reflecte sobre a realidade do circuito da exibição na capital, em retrospectiva e no momento contemporâneo à sua produção. De acordo com os “quentes” anos setenta portugueses, o comentário *off* a duas vezes põe o acento tónico na possibilidade de existência de um “cinema de função social, um cinema para despertar, onde os homens não se chamem Trinidad”, “um cinema para combater combates reais”. Ou seja, equaciona a possibilidade da manutenção do cinema como espectáculo popular, “um cinema verdadeiramente popular”, que sobreviva, combatente, à constatação decadente da tomada das salas subsistentes pela “violência e o sexo, o sexo e a violência” que entretanto ocupou, por exemplo, o Animatographo do Rossio.

O crítico de cinema Lauro António – que poucos anos depois se estrearia na realização de longa-metragem com MANHÃ SUBMERSA (1980) – estrutura a curta-metragem em capítulos impressos como intertítulos, abrindo-a com a imagem dos então correntes e hoje “clássicos” cartonados, pontuando-a com o som de gongos, de tiros vindos de bandas sonoras western ou spaghetti. Os 18 minutos de

VAMOS AO NIMAS enchem os olhos das muitas fachadas de salas de cinema de bairro onde a cultura cinematográfica se vivia em Lisboa, mesmo se num momento – 1975 – em que se tratava já de uma radiografia que indiciava o fim de um tempo. Nos que correm, a do Ideal, na calçada do Combro, talvez seja a única das salas de bairro mostradas no filme que Lisboa entretanto recuperou. E que é, a par do Nimas, a única sala de bairro da cidade. O Nimas do título do filme de Lauro António não refere a sala que hoje os espectadores de cinema associam a um desses espaços resistentes, mas mais genericamente o termo popular – de popularidade perdida – para sala de cinema.

Maria João Madeira